

DAS RELAÇÕES ENTRE AMOR E CIÚMES: uma análise a partir da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento

FROM RELATIONS BETWEEN LOVE AND JEALOUSY: an analysis from the Theory of Models Organizers of Thought

Juliana Franzi¹

Angélica Aparecida Reis Pereira²

Erika Marques de Sá³

RESUMO: O presente artigo apresenta os resultados de uma investigação que teve como objetivo identificar e analisar as relações entre o amor e o ciúme tomando como base um conflito fictício de conteúdo afetivo-amoroso. Participaram da pesquisa oitenta e oito jovens do Ensino Médio de uma escola pública e uma escola particular de um município da região sul do Brasil. Os dados coletados e analisados a partir da Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento revelaram três distintos modelos: a ruptura, a possível ruptura e a manutenção da relação. Destacou-se a distinção de posicionamento entre os sujeitos do sexo masculino e feminino, tendo as jovens do sexo feminino se concentrado majoritariamente no modelo relativo a uma possível ruptura da relação.

Palavras-chave: ciúme, amor, juventude.

ABSTRACT: The present article presents the results of an investigation that aimed to identify and analyze the relationships between love and jealousy as the basis of a conflict of affective-loving interest. Eighty-eight secondary school students from a public and private school in a municipality in the southern region of Brazil participated in it. The data collected and verified in the Theory of Thinking Organizational Models revealed three models: rupture, possible rupture and maintenance of the relationship. It stood out the justification of the gender between the male and female sexes, where the female ones became the majority in the model related to a possible rupture of the relationship.

Keywords: jealousy, love, youth.

1. INTRODUÇÃO

A literatura acadêmica revela uma tarefa ainda merecedora de atenção com vistas a entendermos o ciúme no bojo das relações afetivas, amorosas e sexuais. Há distintas interpretações sobre tal fenômeno, as quais apontam para aspectos diferentes a serem ressaltados. Trazemos, aqui, elementos que ganharam destaque em alguns estudos.

¹ jul.franzi@gmail.com

² angelica.pereira@aluno.unila.edu.br

³ erika.sa2011@gmail.com

Primeiramente, apontamos para investigações que indicam a compreensão do ciúme como um elemento normal e necessário, em certa medida, às relações amorosas. Nesta direção, encontramos pesquisas que ponderam que tanto a ausência, como também a demasiada valorização do ciúme, revela-se problemática. Podemos aqui citar estudos realizados em distintas perspectivas teóricas.

Na vertente psicanalítica, Mallmann (2015), no artigo intitulado “*Ciúmes: do normal ao patológico*”, referindo-se ao ciúme afirma que “o que preocupa são os extremos: sua ausência aponta para um problema, e sua intensidade revela uma patologia” (Mallmann, 2015, p. 43). Nesta perspectiva, portanto, de modo equilibrado, o ciúme seria um sentimento normal.

Ideia semelhante pode ser encontrada no texto “*O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos*”, de Almeida, Rodrigues e Silva (2008), que, amparando-se em estudos da Psicologia Evolucionista, sobretudo em autores como em Buss (2000), afirma que o ciúme se trata de um sentimento inevitável, inerente à natureza humana, pois “em maior ou menor grau, todos estão sujeitos a ele” (Almeida, Rodrigues, Silva, 2008, p. 83); por conseguinte, considera que “o ciúme é normal” (Almeida, Rodrigues, Silva, 2008, p. 89). Assim, “é preciso conhecer profundamente esse sentimento para que se possa compreendê-lo, e elaborarmos estratégias profícuas de enfrentamento para lidarmos com esse fenômeno” (Almeida, Rodrigues & Silva, 2008, p. 83).

Em uma perspectiva distinta, Arreguy e Garcia (2012), no artigo intitulado “*A ausência de ciúme como um ideal cultural: reflexões clínicas sobre a fragilidade subjetiva frente ao amor na atualidade*” ressaltam que “o ciúme estaria fora de moda na contemporaneidade” (Arreguy & Garcia p. 760). Tal interpretação, forjada à luz de estudos como os de Bauman (1997, 2003), dentre outros, revela que, em virtude da transição entre um momento no qual o amor era sobrevalorizado para a sociedade contemporânea, na qual há a desvalorização, fragilidade e fluidez das relações amorosas, também o ciúme - outrora valorizado – estaria passando por um declínio e rechaço. Embora com uma série de ressalvas, tal trabalho nos aponta para os prejuízos da ausência do ciúme como um ideal cultural, configurando-se como um contributo para a debilidade e vulnerabilidade das relações afetivas e amorosas.

Outro aspecto que parece sobressair nas investigações acerca desta temática é a compreensão do ciúme como elemento perigoso para as relações amorosas. Assumindo uma perspectiva bastante distinta da apontada anteriormente, alguns estudos indicam para o fato de que o ciúme configura-se como um elemento que frequentemente permeia os casos de violência de gênero e apresenta-se, por tal razão, como altamente perigoso para as relações amorosas, afetivas e sexuais. Em artigo intitulado “*O ciúme enquanto sintoma do transtorno obsessivo-compulsivo*”, Torres, Ramos-Cerqueira e Dias (1999) afirmam que o ciúme patológico: “pode até motivar homicídios, mas muitas dessas pessoas sequer chegam aos serviços médicos” (Torres, Ramos-Cerqueira & Dias, 1999, s/p).

Destacam-se, neste sentido, estudos que atentam marcadamente para a violência contra a mulher, como, por exemplo, o artigo “*Violência contra a mulher: o ‘ciúme’ pode atenuar o significado da violência?*” (Costa Nazaré et al., 2016).

Por sua vez, Porto (2010) utiliza exemplos da literatura – as obras Otelo e Dom Casmurro – para analisar a temática do ciúme e da violência perpetrada pelo sexo masculino, amparando-se na psicanálise freudiana.

Destacam-se, ainda, reflexões que merecem extrema atenção em nossa investigação, uma vez que analisam o ciúme em relações de namoro. Caridade e Machado (2006), explicam que as jovens do sexo feminino confundem ciúme com amor e, por conseguinte, consideram a violência como sendo normal em suas relações. Oliveira *et al.* (2016), dentre outros aspectos, apontam como resultado de uma pesquisa realizada com 3.205 adolescentes (idades de 15 a 19 anos), estudantes do 2º ano do Ensino Médio de escolas públicas e privadas de 10 capitais brasileiras que:

O ciúme, então, pode ser percebido como violência se ocorre junto com uma ameaça de agressão física ou se ocorre de forma reiterada e frequente; *no entanto, pode não ser tido como abusivo se for percebido como “brincadeira” ou como demonstração de carinho e cuidado por parte do parceiro* (Oliveira et al., 2016, p. 7, grifo nosso).

De modo semelhante, em pesquisa realizada com jovens do Recife, Nascimento e Cordeiro (2011) sinalizam para a invisibilidade do reconhecimento da violência entre jovens, fator que parece derivar da compreensão pautada no ideal de amor romântico que compreende que:

[...] se o amor é sacrifício, superação de qualquer obstáculo e a única forma de atingir a plenitude, tudo deve ser suportado para atingir essa felicidade. *Assim, os controles exercidos pelo namorado ou pela namorada, as desconfianças e o ciúme são decodificados como formas de cuidado e amor*, e os insultos, tapas, empurrões e

desrespeitos são entendidos como algo que deve ser suportado, porque o amor requer sacrifícios. Outro ponto que parece invisibilizar a violência é a compreensão de que ela é restrita ao âmbito físico (Nascimento & Cordeiro, 2011, p. 524).

Merecem ainda destaque alguns estudos que apontam para o ciúme como um sentimento notadamente relacionado com o medo da perda (Ferreira-Santos, 2003; Solomon, 2015). Sobre este aspecto, vale indagarmos qual o movimento comumente engendrado nas relações afetivas, amorosas e sexuais, com vistas a favorecer a valorização de tal medo. Propomos tal indagação uma vez que, historicamente, o amor vem sendo valorizado justamente quando marcado pelo sofrimento, frustração e pela ausência do objeto desejado. Oltramari (2005), referindo-se a Borges (2004) afirma que “o amor romântico é aquele no qual nunca haverá a correspondência, portanto o sofrimento é algo intrínseco a ele” (Oltramari, 2005, p. 44). Não iremos adentrar em uma análise mais aprofundada acerca da valorização histórica do amor marcado por tais características, mas indicamos alguns estudos que já fizeram tal análise (Platão, 1966; Costa, 1998; Comte-Sponville, 2011; Franzi, 2013).

Dentre os estudos acerca do ciúme, vale mencionar a grande quantidade de pesquisa na área da Psicologia Evolucionista sobre tal temática. Para alguns estudiosos como Helen Fischer citada por Almeida, Rodrigues & Silva, o ciúme é uma adaptação evolutiva necessária para o desenvolvimento humano.

Segundo Fischer (2006), o ciúme é uma reação adaptativa, uma vez que homens e mulheres captam sinais genuínos de que o relacionamento está prestes a fracassar. Isto seria útil porque aqueles que permanecem com parceiros descompromissados, terão menos oportunidades de conseguir parceiros mais adequados, além de diminuírem as possibilidades de propagar sua descendência (Fischer, 2006 *apud* Almeida, Rodrigues & Silva 2008, p.89).

Nesta perspectiva, o ciúme seria uma emoção herdada dos nossos ancestrais como uma estratégia que favoreceria a perpetuação da espécie, já que, diferente de outros animais em que os filhotes possuem uma relativa independência desde o nascimento, os bebês humanos são extremamente dependentes de seus pais nos primeiros anos de sua vida.

Assim, para esses teóricos, o ciúme como uma vantagem evolutiva é uma característica útil e desejável para os relacionamentos amorosos que apenas quando extrapola os “limites saudáveis” causa dano ao casal e deve ser trabalhada. Um dos principais pontos negativos dessas teorias, como aponta Solomon (2015), advém da defesa de uma diferença entre os gêneros neste processo.

Os homens tendem, ciumentamente, a vigiar o comportamento sexual da mulher, atentos para que outros machos não a fecundem (quando o macho traído terá, ainda, o trabalho de criar os filhotes). Por outro lado, as mulheres tendem a preocupar-se mais com a atenção dos parceiros. (Segundo muitos biólogos sociais mais antigos, tal diferença tende a corresponder à suposta natural promiscuidade dos machos e à natureza supostamente fiel das fêmeas) (Solomon, 2015, p. 180).

Do nosso ponto de vista, a forma como a Psicologia Evolucionista compreende o ciúme ignora o contexto social e histórico do ser humano. Como apontamos anteriormente, há uma construção social da valorização do amor como falta, com isso evidencia-se o medo da perda e, por conseguinte, o ciúme é um elemento que tende a ser valorizado nas relações afetivas e amorosas.

Solomon (2015) distingue o luto (a real perda) do ciúme, pois o ciúme relaciona-se com o medo da perda sem que essa seja efetivada. O ciúme requer a crença de um direito sobre a pessoa amada ou do objeto fonte do ciúme, assim o que está em discussão não é o objeto em si, mas o direito a esse objeto, o direito a reivindicar sua posse.

Quando o ciúme é dirigido a outra pessoa e não a um objeto em si a questão se torna ainda mais delicada. Em nossa sociedade a maioria das relações românticas são monogâmicas e, portanto, pressupõe uma relação de exclusividade entre os parceiros, o que também gera o medo da perda dessa exclusividade ou, em casos mais extremos, o da troca por outro parceiro. Para Solomon (2015), esta questão está relacionada com o sexo e a fidelidade, já que por exemplo, é raro que as pessoas sintam ciúmes de seus amigos por saírem com outros amigos. Entretanto, o que é considerado violação dessa fidelidade pode variar e, em nossa sociedade, não há a necessidade da consumação do ato sexual em si para que haja o rompimento dessa relação de confiança. Na maioria das relações apenas a intimidade ou atenção de/ou a outrem pode gerar a sensação de perda e o ciúme. Isso ocorre, pois como aponta Solomon:

o ciúme tende a ter olhos apreensivamente voltados para o futuro, não para o passado; portanto, enquanto o marido pode ter ciúme porque sua mulher prestou uma elevada atenção a um outro homem (mais jovem, mais bonito), não é a respeito desse incidente que ele tem ciúme, mesmo que seja verdade que o incidente tenha provocado ciúme. Ele tem ciúme da possibilidade do aumento da intimidade e da resultante perda de intimidade em relação a ele (Solomon, 2015, p.178).

Entretanto, essa lógica só se sustenta enquanto acredita-se que só se pode estar envolvido, de modo romântico, exclusivamente com uma pessoa.

Para Solomon (2015), o ciúme não se trata apenas de duas partes, mas quatro. Sendo o terceiro elemento a pessoa com quem se disputa o ser amado e o quarto elemento um outro

abstrato (a sociedade, a opinião pública) do qual teme-se o julgamento e a possível humilhação ou perda da honra. Nessa lógica se justifica que o ciúme leve a atitude extremas já que não se relaciona apenas à perda da pessoa amada, mas envolve a perda da honra diante da sociedade. Assim, em muitos casos há inclusive encorajamento social para que esses “direitos” sejam garantidos, com leis contra o adultério ou atenuação de crimes em defesa da honra.

Conforme explica Solomon (2015), existem autores que defendem que o ciúme é uma emoção natural, fruto do desenvolvimento evolutivo da raça humana, mas também uma mescla com certos esquemas e conceitos sociais. Contudo, como aponta o autor: “(...) sejamos ou não assim predispostos pela natureza, temos capacidade reflexivas e críticas suficientes, e bastante “livre-arbítrio”, para agir contrariamente a nossas naturezas ou, pelo menos, especificamente a essas exigências de nossas naturezas” (Solomon, 2015, p. 180).

Colocamo-nos em consonância com a capacidade reflexiva do ser humano no sentido de se posicionar frente a uma situação de conflito marcada pelo ciúme. Somado a isso, entendemos que as formas como cada sujeito assumirá tal posicionamento não se dá de maneira natural, ou biológica, mas está circunscrita em meio a uma série de elementos socioculturais. Neste sentido, como aponta Baroncelli (2011), o ciúme “é uma condição historicamente constituída” (Baroncelli, 2011, p. 163). E, acrescentamos: se assim o é, não se trata de um fenômeno imutável, mas sim passível de avaliação, compreensão e revisão. Salientamos, pois, a importância da educação formal em oportunizar uma reflexão sobre a temática do amor (Franzi, 2013).

Ao apontarmos a possibilidade de revisão e de posicionamento crítico acerca do ciúme, assumimos uma análise ética sobre tal elemento, entendendo que a justiça, o cuidado e a solidariedade (Gilligan, 1982, Benhabib, 1992, Arantes, Sastre & Gonzalez, 2010), nas relações afetivas, amorosas e sexuais constituem-se como aspectos basilares no sentido de evitar situações de violência⁴ no bojo das relações desta natureza. No entanto, é notável certa ausência de pesquisa que aponta para a dimensão ética do amor, conforme menciona Franzi (2013).

Nesta direção, vale retomar a compreensão de Carol Gilligan (1982), que visou desbravar a moralidade humana para além do princípio de justiça. A autora destacou que a

⁴Em seu sentido mais amplo e, portanto, não compreendendo apenas a violência física.

moralidade seria constituída por duas vias distintas: uma para as mulheres – pautada na solidariedade e no cuidado – e outra para os homens – centrada na autonomia e justiça. Embora tal estudo tenha sido importante para ampliar os limites da moral deontológica, apoiada no ideal kantiano do “dever ser” e pautada exclusivamente em aspectos cognitivos e no princípio de justiça, concordamos com Montenegro (2003) que o trabalho de Gilligan acabou por deixar brechas para um olhar naturalizante sobre o cuidado como uma característica natural e biológica das mulheres.

Ademais, como destaca Arantes, Sastre e Gonzalez (2010), é preciso analisar com profundidade as implicações do desenvolvimento anômalo de uma via da moralidade sobre a outra, podendo acarretar, no caso dos homens, a solidão e o narcisismo, e, no caso das mulheres, a moralidade excessivamente pautada na solidariedade e no cuidado pode implicar a perda do controle da própria existência, devido à excessiva responsabilidade e o cuidado para com o outro (Arantes, Sastre & Gonzalez 2010, p. 110).

Tomando como base tais apontamentos, nos limites deste artigo, optamos por nos enveredar na análise do funcionamento psicológico no que tange à temática investigada, com vistas a identificar e analisar as relações entre o amor e o ciúme, amparando-nos, para tanto, em um conflito fictício de conteúdo afetivo-amoroso. A própria escolha acerca do instrumento e procedimento da pesquisa, conforme veremos a seguir, revela um foco na investigação acerca da moralidade, pois ao eleger o conflito como instrumento de pesquisa, consideramos as distintas possibilidades de posicionamento dos sujeitos. Neste sentido, vale destacar que consoante Puig (1996), nós, seres humanos, temos a capacidade de decisão e escolha sobre o que fazer e como viver. E é nessa abertura e indeterminação antropológica que reside a origem da moral.

2. **MÉTODO: a teoria dos modelos organizadores do pensamento**

A Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento entende que o funcionamento psicológico do ser humano se dá por meio da construção de modelos da realidade, os quais orientam o sujeito na sua interação com o meio.

Conforme explicam Arantes, Sastre e González (2010), sobre tal referencial teórico metodológico:

Partindo da ideia de que o sujeito constrói modelos da realidade que lhe permite conhecer uma parte do mundo que o cerca, a teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento procura estudar a forma *como* ele os constrói. Frente a acontecimentos "observáveis", por meio dos quais é possível realizar diversas interpretações, cada sujeito seleciona e organiza uma série de elementos e significados, a partir dos quais constrói um modelo organizador (Arantes, Sastre & González, 2010, p. 110).

A representação da realidade de modos distintos decorre do fato de que somos incapazes de levar em conta todos os elementos presentes em uma dada situação. Por tal razão, nos centramos em alguns elementos, isto é, escolhemos alguns elementos (e desconsideramos outros) para atribuir significados. É a partir da seleção de alguns elementos, portanto, que construímos nossa representação mental em forma de modelo organizador, cuja elaboração se dá por meio de um processo que ocorre perante três etapas, a saber: 1) abstração e seleção de elementos; 2) atribuição de significados aos elementos; 3) estabelecimento de implicações entre os elementos selecionados e os significados atribuídos.

Neste processo, é importante salientar que o modelo construído nem sempre corresponde exatamente à realidade que o representa, isto porque a Teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento considera não apenas os processos cognitivos que contribuem para a construção dos modelos organizadores, mas também os "sentimentos e emoções, desejos, fantasias, representações sociais, crenças, que influenciam os próprios processos mentais de seleção de elementos, atribuição de significados e estabelecimento de implicações" (Pátaro, 2007, p. 142).

Deste modo, vale destacar que tal processo não é mera cópia da realidade, pois "aquilo que chamamos de 'realidade' não é senão que uma maneira, entre muitas outras possíveis, de ver o mundo" (Moreno & Sastre, 2010, p. 59, tradução nossa).

A despeito das diversas formas de se construir os modelos organizadores, Moreno et al. (1999) alertam que eles não são infinitos, haja vista certa compatibilidade com o mundo exterior. Assim, não se trata de considerar apenas os aspectos subjetivos, mas sim de tomar o mundo exterior/objetivo, como um aspecto regulador na construção dos modelos organizadores.

Participantes

Participaram deste estudo oitenta e oito (88) jovens de um município da região Sul do Brasil. A amostra foi organizada em estudantes de uma escola pública e uma escola particular

da cidade. Buscou-se investigar jovens do sexo feminino e masculino, com idades entre os 14 e 17 anos:

Tabela 1: Amostra

	Colégio Público	Colégio Particular	Total por sexo
Feminino	25	17	42
Masculino	24	22	46
Total	49	39	88

Instrumento e Procedimento

A coleta de dados foi realizada com os grupos de alunos do primeiro e segundo ano do Ensino Médio de duas escolas localizadas na região Sul do Brasil. Em cada uma das escolas foi necessária a realização de duas coletas para a obtenção de um número satisfatório de sujeitos. Para a realização da pesquisa garantiu-se o anonimato, a participação livre, voluntária e consentida.

Posteriormente deu-se início à aplicação do instrumento (em anexo), sendo entregue uma cópia do texto para cada participante⁵. A seguir, foi realizada a leitura em voz alta e solicitou-se que os (as) discentes respondessem as questões individualmente, por escrito, e que explicassem detalhadamente suas respostas.

Resultados

Para a elaboração dos modelos organizadores do pensamento, analisamos os dados coletados, sendo possível identificar elementos em comum, bem como específicos em cada resposta. Por meio desse processo, foram identificados três modelos adotados como estratégia de resolução do conflito. Do mesmo modo, as concepções acerca do ciúme e do amor mostraram-se notáveis. As formas de resolução do conflito e os modelos organizadores do pensamento foram: 1) a manutenção da relação; 2) o possível rompimento e 3) rompimento da relação.

⁵ A obra de Moreno e Sastre (2010), intitulada “*Cómo construimos universos: amor, cooperación y conflicto*” foi essencial para a elaboração do instrumento de pesquisa.

Tabela 2: Modelos Organizadores do Pensamento

	Modelo 1 MANUTENÇÃO	Modelo 2 POSSIVEL RUPTURA	Modelo 3 RUPTURA	Total por sexo
Feminino	14 15,90%	18 20,45%	10 11,36%	42 47,72%
Masculino	20 22,72%	4 4,54%	22 25%	46 52,27%
Total	34 38,63%	22 25%	32 36,36%	

Modelo 1: manutenção

No modelo 1, a estratégia de resolução do conflito fictício de conteúdo afetivo-amoroso visou a manutenção da relação, sobretudo por meio do diálogo. Sobre a compreensão acerca do vínculo amoroso entre os personagens da história, observou-se que os sujeitos consideraram que se tratava de um sentimento recíproco.

Destaca-se que o modelo contempla um número expressivo de sujeitos masculinos.

Neste modelo é notável a designação de responsabilidade e de cuidado para com o(a) parceiro(a), sendo, por exemplo, tais atribuições a busca de resoluções para o manutenção do relacionamento. Esse fator destaca-se na versão feminina, vejamos exemplos:

“Pra ter mais paciência com ele, e sempre tentar entender. Porque esse é um problema que dá pra resolver. E pra ela tentar conversar com ele e tentar fazer ele se sentir seguro” (Sexo Feminino, 16 anos)

“Para tentar entender o motivo de João ciumento” (Sexo Feminino, 16 anos).

Conforme verificamos nos exemplos, é possível observar o ciúme do parceiro, bem como a relativização de suas ações, pois o ciúme aparece como resultado de insegurança, da

baixa autoestima e do medo da perda. Embora as características pontuadas apareçam nos demais modelos, é neste modelo que fica evidente que esses aspectos são utilizados como uma maneira de justificar e até mesmo relativizar as ações do(a) companheiro(a). Deste modo, as atitudes em relação a protagonista da história são interpretadas como um problema no qual o parceiro(a) deve ajudá-lo(a) a solucionar, seus conflitos internos que reverberam na relação, parecendo não serem levadas tanto em consideração frente ao problema interno da pessoa que apresenta o ciúme.

Modelo 2: possível rompimento

No modelo 2, a estratégia de resolução remete a uma possível ruptura da relação. Esse modelo especificamente contempla o maior número de sujeitos femininos (18 sujeitos do sexo feminino e 4 do sexo masculinos), demarcando que os sujeitos femininos, na presente pesquisa, apresentaram, de modo notório, uma postura que indica a incerteza perante o que fazer.

A principal característica do modelo em questão apontou para a possibilidade de dar uma nova chance ao parceiro(a), consoante é possível observar abaixo nos exemplos;

“A aconselharia a persistir em sua explicação de que o que João está fazendo à ela, não a faz bem, pois a sufoca. E, caso não resultasse, estabelecesse que o que teriam não passaria de amizade, não o deixando sozinho, pois ele precisa de ajuda, porém não dando à ele liberdade para fazer o que quiser com Carol” (Sexo Feminino, 16 anos)

Novamente, podemos observar a questão do cuidado e da responsabilidade designada a quem sofreu com as atitudes da pessoa que apresenta ciúme. Observa-se uma busca por ajudar o(a) parceiro(a) em seus conflitos internos. Esse elemento aparece principalmente na versão feminina. Contudo, neste modelo, os sujeitos do sexo masculino, também denotam a disposição para o diálogo no qual a finalidade visa a manutenção da relação, mas demonstram, concomitantemente, a injustiça da companheira ao ter ciúme excessivo, como podemos notar nos exemplos:

“Parar de ser tão ciumenta, pois a principal aspecto entre uma relação de duas pessoas é a confiança. Ela estava sendo injusta com ele, e deveria rever suas ações com ele e seus ciúmes” (Sexo Masculino, 15 anos).

“Pare de sufocar o João, senão ele vai terminar com você, sei que ele gosta de você, mas não gosta do que você está fazendo com ele” (Sexo Masculino, 15 anos).

Modelo 3: rompimento

No modelo 3, a estratégia de resolução sugere a ruptura da relação, como forma de reação ante a situação vivida. Neste modelo, as percepções acerca do amor e do ciúme chamam atenção para a identificação da não reciprocidade amorosa. Sobretudo na versão feminina, dos dez sujeitos participantes, seis (60%) pontuam a não reciprocidade amorosa. O que difere do modelo masculino em que dos vinte e dois sujeitos, seis (cerca de 27%) afirmam a não reciprocidade. Esse fator, nos chama atenção para as diferentes percepções acerca do amor e do ciúme. Isso parece indicar que, para as jovens (mais que para os jovens), a identificação de não se tratar de uma relação em que há correspondência, as auxilia a tomar a decisão da separação. Neste sentido, é interessante ressaltar que Feres-Carneiro (2003), ao analisar o processo de rompimento conjugal observa que “enquanto as mulheres concebem casamento como ‘relação amorosa’, para os homens, o casamento é visto, sobretudo, como “constituição de família” (Féres-Carneiro, 2003, p. 369). Este aspecto, segundo a autora, revela-se central para que as mulheres iniciem um processo reflexivo acerca da separação quando mobilizadas pela identificação da falta do vínculo amoroso. Traçando um paralelo com nossa investigação, podemos observar, que embora as jovens do sexo feminino componham em menor número o modelo 3, salta à vista que o motivo que as mobiliza a tomar tal posicionamento é justamente o reconhecimento da ausência do laço amoroso.

Destacamos, contudo, que a configuração deste modelo 3 indica que são os jovens do sexo masculino que se posicionam, de modo notável, a favor da separação.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Primeiramente destacamos que não temos como intenção trazer conclusões sobre os resultados encontrados. Tomamos a pesquisa como um estudo exploratório, que certamente abre novas possibilidades de investigações. Apesar de tal intuito, apresentamos aqui alguns aspectos que apareceram de modo considerável na pesquisa e merecem, ainda que com brevidade – dado as restrições de um artigo – um olhar analítico.

O **modelo 1** permite-nos a retomada dos estudos teóricos que apontam para o ciúme como um sentimento normal, indicando um posicionamento que carece de um olhar crítico

acerca da privação da liberdade. Nesta direção, aspectos como os riscos para com a configuração de uma situação de violência são pouco ou nada considerados. Há, ainda, uma preocupação excessiva de cuidado para com o outro, sobretudo entre as jovens do sexo feminino, dispensando a demanda por cuidado, solidariedade e justiça por parte do próprio sujeito que sofre o ciúme.

Neste sentido, retomamos a contribuições de Arantes, Sastre e Gonzalez (2010) acerca dos riscos do desenvolvimento anômalo das vias da moralidade e questionamos, por conseguinte, os pressupostos de Carol Gilligan (1992) acerca da ética do cuidado – preponderantemente feminina – e ética da justiça – preponderantemente masculina.

Em relação ao **modelo 2**, caracterizado por uma possível ruptura da relação, merece destaque a reflexão de Féres-Carneiro (2003) ao analisar o processo de separação conjugal: “apesar de a decisão de separação ser predominantemente feminina, são as mulheres [...] que aparecem tomando a iniciativa para conversar e buscando alternativas para manter o relacionamento” (Féres-Carneiro, 2003, p. 370). Ora, essa expectativa na mudança da relação, sustentada pela crença no diálogo, parece ser um elemento fundamental para que o modelo 2 seja composto, em sua grande maioria, por sujeitos do sexo feminino. Seguindo a lógica já apresentada no modelo 1, no modelo 2, é também evidente a responsabilidade das jovens do sexo feminino por assumir uma postura de cuidar da relação, mesmo quando submetidas a uma situação de ciúme. Esta postura que revela disponibilidade em dialogar, como forma de resolver o conflito, deixa aberta também uma indecisão quanto à continuidade ou não da relação.

Não pretendemos com estes resultados trazer um olhar simplista que legitime estereótipos quanto à indecisão feminina e, por outro lado, valide a objetividade e assertividade masculina, pois não consideramos que se tratem de características naturais e biológicas, mas sim de construtos sociais e históricos que dificultaram e seguem dificultando, sobretudo às mulheres, a efetiva ação e reflexão no sentido de assumirem sua própria vida de modo autônomo e articulando, adequadamente, solidariedade, cuidado e justiça.

Esses construtos sociais, a nosso entender, implicam, não por casualidade, que no **modelo 3**, a decisão pela separação seja assumida mais pelos jovens do sexo masculino (25%) que pelas jovens do sexo feminino (11,36%).

Tendo em vista tais resultados, salientamos, uma vez mais, a importância da educação formal em oportunizar uma reflexão sobre a temática (Franzi, 2013). Embora a escola e o currículo escolar não sejam os focos de nossa pesquisa, os dados parecem evidenciar o papel fundante da educação formal em assumir um trabalho pedagógico acerca das temáticas do amor e do ciúme.

Estimamos que os dados aqui aventados, coletados justamente com estudantes do Ensino Médio, já nos permitam uma aproximação com o complexo caminho da psique humana e oportuniza a compreensão de alguns pontos de partida para um trabalho educativo acerca da temática que orientou nossa investigação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Thiago de; RODRIGUES, Kátia Regina Beal; SILVA, Ailton Amélio da. (2008). O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 13, n. 1, p. 83-90, Apr.

ARANTES, Valéria Amorim; SASTRE, Genoveva; GONZALEZ, Alba. Violência contra a mulher e representações mentais: um estudo sobre pensamentos morais e sentimentos de adolescentes. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 26, n. 1, p. 109-120, Mar. 2010

ARREGUY, Marília Etienne; GARCIA, Claudia Amorim. (2012). A ausência de ciúme como um ideal cultural: reflexões clínicas sobre a fragilidade subjetiva frente ao amor na atualidade. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 755-778, June.

BARONCELLI, Lauane. (2011). Amor e ciúme na contemporaneidade: reflexões psicossociológicas. *Psicol. Soc.*, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 163-170, Apr.

BAUMAN, Z. (1997). *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar.

_____. (2003). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar.

BENHABIB, S. (1992). Una revisión del debate sobre las mujeres y la teoría moral. *Isegoría*, 6, 37-63.

BUSS, D. (2000). *A paixão perigosa - por que o ciúme é tão necessário quanto o amor e o sexo* (M. Campelo, Trad.). Rio de Janeiro: Objetiva.

CARIDADE, S.; MACHADO, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 24(4), 485-493.

COMTE-SPONVILLE, Andre. (2011). O amor. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes.

COSTA, Jurandir F. (1998). *Sem fraude nem favor*: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Editora Rocco.

COSTA, NAZARÉ et al. (2016). Violence against women: Can 'jealousy' mitigate the significance of violence?. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 33, p. 525-533.

FERES-CARNEIRO, Terezinha. (2013). Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal, v. 8, n. 3, p. 367-374, Dec.

FERREIRA-SANTOS, E. (2003). *Ciúme*: o medo da perda. São Paulo: Claridade.

FISCHER, H. (2006). *Por que amamos*. Rio de Janeiro: Record.

FRANZI, Juliana. Relações afetivo-amorosas na juventude: uma análise a partir da teoria dos modelos organizadores do pensamento. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

GILLIGAN, Carol. (1982). *Uma voz diferente*: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Ventos.

MALLMANN, Cleo José. (2015). Ciúmes: do normal ao patológico. *Estud. psicanal.*, Belo Horizonte, n. 43, p. 43-49, jul.

MONTENEGRO, Thereza. Diferenças de gênero e desenvolvimento moral das mulheres. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 493-508, Dec. 2003.

MORENO, M. M; SASTRE, G. V. *Cómo construimos universos: amor, cooperación y conflicto*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2010.

MORENO, Montserrat, et al. *Conhecimento e mudança: os modelos organizadores na construção do conhecimento*. Campinas/São Paulo: Editora da Unicamp/Moderna, 1999.

NASCIMENTO, Fernanda Sardelich; CORDEIRO, Rosineide de Lourdes Meira. (2011). Violência no namoro para jovens moradores de Recife. *Psicol. Soc.*, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 516-525, Dec.

OLIVEIRA, Queiti Batista Moreira et al. (2016). Violência Física Perpetrada por Ciúmes no Namoro de Adolescentes: Um recorte de Gênero em Dez Capitais Brasileiras. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 32, n. 3, pp. 1-12.

OLTRAMARI, Leandro Castro. Os caminhos filosóficos do amor. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 42-45, dez. 2005.

PATARO, Cristina Satiê de Oliveira. Pensamento, crenças e complexidade humana. **Ciênc. cogn.**, Rio de Janeiro , v. 12, p. 134-149, nov. 2007

PLATÃO. (1966). *O Banquete*. São Paulo: Difel. Trad. de José Cavalcante de Souza.

PUIG, Josep Maria Rovira. (1996). *La construcción de la personalidad moral*. Paidós: Barcelona.

PORTO, L. I. Um monstro de olhos verdes: reflexões sobre o ciúme sob a perspectiva da psicanálise freudiana. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Belo Horizonte, 2010.

RIBEIRO, P. C. (2012). MASCULINIDADE E CIÚME NA PERSPECTIVA DA TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA. *Psicologia em Estudo, Maringá*, v. 17, n. 3, p. 445-452, jul./set.

SANTOS, Eduardo Ferreira. (2002). Ciúme e crime: uma observação preventiva. *Psic*, São Paulo , v. 3, n. 2, p. 74-77, dez.

SOLOMON, R. (2015). *Fiéis às nossas emoções: o que elas realmente nos dizem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

TORRES, Albina Rodrigues; RAMOS-CERQUEIRA, Ana Teresa de Abreu; DIAS, Rodrigo da Silva. (1999). O ciúme enquanto sintoma do transtorno obsessivo-compulsivo. *Rev. Bras. Psiquiatr.*, São Paulo , v. 21, n. 3, p. 165-173, set.

Instrumento de pesquisa: versão masculina

Com o passar do tempo João se sentia cada vez menos livre, e Carolina mais tranquila e segura. Ela podia ter suas amigas e amigos, porém se ele falasse com alguma garota, ela já pensava que ele estava traindo-a. Isto decepcionava o João, pois dava a impressão de que ele não gostava dela. Ela o vigiava cada vez mais e, com isso, o aborrecia. Ele tentava explicar o problema: dizia que queria que ela gostasse dele de verdade e não da forma como ela agia. A Carolina, por sua vez, dizia que ele não tinha razão, que gostava muito dele e que não o entendia. Para o João, o ciúmes da Carolina o deixava em conflito, pois a pressão que ela fazia para ele estar com ela não o deixava respirar nem o dava liberdade. Ele era muito jovem, e se sentia aborrecido com ela, não sabia o que fazer, nem o que acontecia. Tinha medo de assumir um compromisso e queria mais liberdade.

1. Você acha que a Carolina gosta do João? Explique detalhadamente sua resposta
2. Você acha que o João gosta da Carolina? Explique detalhadamente sua resposta
3. Se você fosse o melhor amigo do João, qual o conselho que você daria para ele?
4. Se você fosse o melhor amigo da Carolina, qual conselho você daria para ela?

Instrumento de pesquisa: versão feminina

Com o passar do tempo Carolina se sentia cada vez menos livre, e João mais tranquilo e seguro. Ele podia ter seus amigos e amigas, porém se ela falasse com algum garoto, ele já pensava que ela estava traindo-o. Isto decepcionava a Carolina, pois dava a impressão de que ela não gostava dele. Ele a vigiava cada vez mais e, com isso, a aborrecia. Ela tentava explicar o problema: dizia que queria que ele gostasse dela de verdade e não da forma como ele agia. O João, por sua vez, dizia que ela não tinha razão, que gostava muito dela e que não a entendia. Para a Carolina, o ciúmes do João a deixava em conflito, pois a pressão que ele fazia para ela estar com ele não a deixava respirar nem a dava liberdade. Ela era muito jovem, e se sentia aborrecida com ele, não sabia o que fazer, nem o que acontecia. Tinha medo de assumir um compromisso e queria mais liberdade.

1. Você acha que a Carolina gosta do João? Explique detalhadamente sua resposta
2. Você acha que o João gosta da Carolina? Explique detalhadamente sua resposta
3. Se você fosse a melhor amiga do João, qual o conselho que você daria para ele?
4. Se você fosse a melhor amiga da Carolina, qual conselho você daria para ela?